

1. O gramático Dídimos, na sua *Réplica a Asclepiades a propósito dos «axones» de Sólon*, aduz um passo de certo Fílocles, onde este afirma que Sólon era filho de Eufóron, contra a opinião de todos quantos se ocuparam de Sólon¹. 2. Na verdade, todos à uma sustentam ser ele filho de Execéstides, homem que, pela riqueza e poder, segundo afirmam, se situa na classe média, mas que, atendendo à estirpe, pertencia a uma casa notável: era, de facto, descendente de Codro². 3. Quanto à mãe de Sólon, Heraclides Pôntico refere que ela era prima da mãe de Pisístrato. 4. De início gerou-se entre os dois uma grande amizade, devida quer ao parentesco quer às qualidades e juvenil beleza de Pisístrato, já que, como contam alguns, Sólon teria cultivado com ele uma relação amorosa³. 5. Daqui resulta, aparentemente, que, mais tarde, depois de se tornarem opositores na política, essa hostilidade não os tenha levado a nutrir sentimentos rudes ou cruéis, mas que mantivessem, em seus espíritos, aquele civismo e guardassem, «fumegante, a chama ainda viva do fogo de Zeus»⁴, a grata recordação do amor. 6. De resto, que Sólon não mantinha a compostura na presença de belos rapazes nem possuía ânimo bastante para resistir ao amor, «tal como o pugilista aos punhos»⁵, é o que se pode deduzir dos seus próprios poemas, bem como de uma

lei, por ele promulgada, que impedia os escravos de frequentarem a palestra e de namoriscarem com os jovens (F 74b R)⁶; isto porque colocava esta prática no número dos costumes belos e louváveis e também porque, de certa forma, a ela atraía os que eram dignos e dela excluía os indignos. 7. Afirma-se, ainda, que Pisístrato foi amante de Carmo e que dedicou a estátua de Eros que se encontra na Academia, no lugar onde os atletas acendem o archote sagrado⁷.

2. Ora uma vez que o pai havia diminuído o património em obras de beneficência e de caridade, segundo afirma Hermipo, Sólon, não por minguia de quem o desejasse ajudar, mas por vergonha de aceitar apoio de outros, quando provinha de uma casa que, habitualmente, os socorria a eles, decidiu voltar-se, ainda novo, para o comércio. No entanto, alguns mantêm que foi mais na busca de experiência e de conhecimentos do que de lucro que Sólon empreendeu as suas viagens⁸. 2. De sabedoria, efectivamente, era ávido (na opinião de todos), ele que, já de idade avançada, afirmava (F 18 W) «envelhecer, sempre muitas coisas aprendendo». 3. Porém, não admirava a riqueza e dizia antes que era igualmente rico quem (F 24.1-6 W)

muita prata possui
e ouro e de terra fértil em grão planícies,
cavalos e mulas; e o que só com estes dons conta:
estômago, flancos e pés, tudo bem tratado;
do jovem ou da mulher — em chegando a ocasião —
a frescura fruir, quando à idade se ajustar.

4. Contudo, em outro ponto afirma (F 13.7-8 W):

Riquezas desejo possuir, mas adquiri-las injustamente
não pretendo: inexorável a seguir vem a justiça.

5. Ora nada impede ao homem bem formado e bom cidadão de, sem ambicionar em demasia a posse do supérfluo, não desprezar a fruição do necessário e do suficiente. 6. Naqueles tempos em que, segundo as palavras de Hesíodo⁹ «trabalho algum era vergonhoso» e nenhum ofício trazia descrédito, também o comércio gozava de boa fama; era uma forma de aproximar países estrangeiros, de unir soberanos por laços de amizade e de ganhar experiência em muitos domínios. 7. Alguns tornaram-se, assim, fundadores de grandes cidades, como aconteceu com Prótis para Massália¹⁰, depois de se tornar caro aos Celtas da zona do Ródano. 8. E afirma-se que também Tales e o matemático Hipócrates se dedicaram ao comércio e que Platão, para suportar as despesas de viagem, terá vendido algum azeite no Egito¹¹.

3. Ora o gosto que Sólon nutria pela prodigalidade e pela vida sensual, bem como a forma mais vulgar do que filosófica com que, nos seus poemas, discorre sobre o prazer, serão de imputar, ao que se pensa, à sua actividade comercial. Esta, ao comportar muitos e grandes perigos, reclama, em troca, algumas alegrias e prazeres. 2. Mas que ele mesmo se colocava mais na fileira dos pobres do que na dos ricos, mostram-no bem estes versos (F 15 W):

3.

Muitos vilões estão ricos e os nobres na miséria,
 mas nós com eles não trocaríamos
 o mérito pela riqueza: pois aquela firme se mantém;
 a riqueza, contudo, ora um homem ora outro a possui.

4. Da poesia parece que, de início, se terá servido sem um objectivo sério, mas somente por divertimento e recreação pessoal nos períodos de lazer. Mais tarde, porém, versificou também sentenças filosóficas e entreteceu com os poemas

muitas questões de política, não para delas fazer a exposição ou registo, mas como justificação da sua conduta e, em certos momentos, para veicular exortações, avisos ou censuras aos Atenienses. 5. Alguns afirmam que ele teria começado mesmo a publicar as suas leis, pondo-as em verso, e recordam o poema que assim começava (F 31 W):

Em primeiro lugar, supliquemos a Zeus Crónida soberano
que a estas leis boa fortuna e glória conceda.

6. No campo da filosofia ética, deu preferência, tal como a maioria dos sábios de então, à dimensão política; já no das ciências naturais, revela-se muito simplista e arcaico, como ilustram estes versos (F 9.1-2 e 12 W)¹²:

7.

Da nuvem parte a fúria da neve e do granizo,
e o trovão se gera do brilhante relâmpago.
Com os ventos o mar se encapela; mas quando nada
o perturba, de todas as coisas é a mais recta.

8. Em suma, parece que somente o saber de Tales terá, naquela altura, avançado para além da utilidade prática, ao servir-se da indagação teórica; quanto aos restantes, é da excelência política que lhes vem a reputação de sabedoria¹³.

4. Conta-se que os sábios se terão encontrado todos em Delfos e, de novo, em Corinto, onde Periandro havia organizado essa sua reunião conjunta e um banquete¹⁴. 2. Porém, mais ainda lhes exalçou o prestígio e fama o percurso descrito pela trípole que por todos circulou, passando de mão em mão em sinal de amizade e emulação mútua. 3. Ao que se conta, tendo os pescadores de Cós lançado as redes, uns forasteiros de Mileto compraram a pescaria mesmo antes de a

terem à vista. Ao puxarem as malhas, apareceu uma trípode de ouro, a qual — segundo a lenda — Helena, ao regressar de Tróia, ali tinha lançado borda fora, em memória de um antigo oráculo. 4. Gerou-se, de início, uma discussão entre os forasteiros e os pescadores por causa da trípode; e depois que as próprias cidades se envolveram no diferendo a ponto de avançarem para a guerra, a Pítia instruiu ambos os partidos no sentido de legarem a trípode ao mais sábio de todos. 5. Ora, em primeiro lugar, foi enviada a Tales, de Mileto, e de boa vontade os habitantes de Cós a cederam a um particular, quando, por causa dela, haviam, à uma, entrado em conflito com todos os Milésios. Mas porque Tales considerava Bias mais sábio do que ele mesmo, a trípode foi parar junto deste, e daí seguiu, de novo, para outro que ele julgava mais sabedor. 6. E depois de circular e ser remetida de um para outro, lá chegou pela segunda vez a Tales, até que, finalmente, foi levada de Mileto para Tebas e consagrada a Apolo Isménio. 7. Teofrasto sustenta que, em primeiro lugar, a trípode havia sido enviada para Priene a Bias e só depois para Mileto a Tales, encaminhada por Bias; e assim que, percorridos todos, de novo atingiu Bias, terá sido, finalmente, remetida a Delfos. 8. É esta a tradição mais difundida, se bem que alguns sustentem que a oferenda, em vez de uma trípode, consistia num vaso enviado por Creso¹⁵, e outros que era uma taça legada por Báticles¹⁶.

5. Sobre a entrevista privada de Sólon com Anacársis, e mais tarde com Tales, e sobre as impressões trocadas, corre uma série de pormenores. 2. Quanto a Anacársis, diz-se que se dirigiu a Atenas, a casa de Sólon, bateu à porta e declarou que, sendo estrangeiro, vinha com o intuito de se tornar seu amigo e de com ele firmar laços de hospitalidade¹⁷. Ao responder-lhe Sólon que as amizades era melhor fazê-las em casa, retorquiu Anacársis: «Ora bem, já que te encontras em casa, concede-me então a tua amizade e hospitalidade.» 3. E